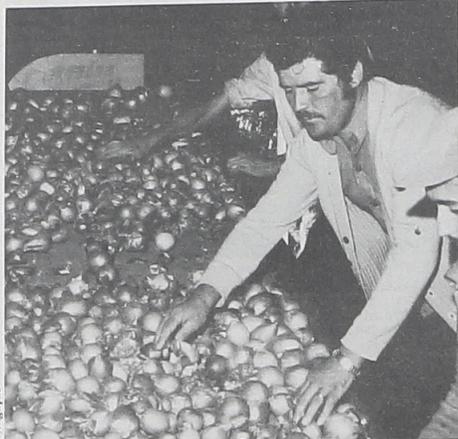


Desafio aos produtores de cebola: produzir mais e melhor

Marise Heleine



divulgação

Cebola de primeira qualidade para o Brasil. Depois de São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, ao qual já está quase igualando na produção.

O Paraná deverá colher nesta safra 90.750 toneladas de cebola, 29% a mais que na safra passada. Com o uso de tecnologia simples, como densidade e espaçamento corretos, mais tratamentos culturais adequados como adubação, agrotóxicos pulverizações e, em certos casos, até irrigação, em cinco anos o estado conseguiu resolver, pelo menos em parte, um grande problema que era a baixa produtividade.

Nos anos de 1985/86 o Paraná produziu apenas cinco mil quilos de cebola por hectare. Com o trabalho feito pela extensão rural, através da Emater, os produtores conseguiram mais do que o dobro da produtividade. Na colheita desta safra que está começando (final de novembro, começo de dezembro) a expectativa é colher 11 mil quilos por hectare.

No entanto, ainda há muito o que fazer. Segundo o coordenador estadual de Olericultura da Emater, Iniberto Hamerschmidt, o estado poderá ser o terceiro produtor brasileiro de cebola já no próximo ano, se os agricultores se conscientizarem de que podem produzir mais e melhor.

De acordo com Hamerschmidt, 99% dos 5.500 produtores paranaenses não usam irrigação. É isto que faz a grande diferença com a produtividade conseguida pelo primeiro produtor nacional, São Paulo, onde se alcança de 20 a 22 mil quilos por hectare. "Com irrigação, nós poderíamos colher muito mais do que os 11 mil quilos por hectare atuais", afirma o agrônomo.

Por enquanto, o Paraná é o quarto produtor brasileiro, de

na da colheita. "No final da última safra de 92/93, o preço foi muito bom", lembra o agrônomo. "Isto incentivou o produtor a plantar, o que nos leva a prever agora uma redução nos preços."

Mesmo assim, Hamerschmidt acredita que não haverá prejuízo. É que o produtor tradicional utiliza geralmente mão-de-obra familiar, que entra no cálculo dos custos. "Mesmo que ele venda a CR\$ 400,00 ou CR\$ 600,00 a saca não haverá perda", ga-

rante o técnico da Emater.

A cebola produzida no Paraná é de excelente qualidade e o produto tem boa aceitação em todo o Brasil. Os maiores produtores se concentram na região metropolitana de Curitiba, na região de Irati (alcançando o município de Imbitava) e em Ponta Grossa. Também existem plantações no Norte pioneiro (região de Santo Antônio da Platina), em Castro e em Pirai do Sul. (Marise Heleine)

A Cebola e o Mercosul

Já está marcado para o dia 23 de março do próximo ano o 4o. Encontro Estadual de Produtores de Cebola, que reunirá em Campo Largo cerca de 400 agricultores. O tema central será "A Cebola e o Mercosul".

Segundo Iniberto Hamerschmidt, a grande preocupação é com a comercialização da cebola a partir do Mercosul: "A Argentina é um grande produtor, com uma produtividade muito maior que a do Paraná, daí nossa preocupação. Com a entrada da cebola da Argentina o produtor nacional poderá vir a ser prejudicado".

Segundo o técnico, para competir no Mercosul o agricultor paranaense terá que se preocupar não só com a qualidade, mas também com a apresentação do produto. "Geralmente nesse produtor não se preocupa em fazer uma embalagem adequada, nem seleção e classificação adequadas da produção", diz Hamerschmidt. Em resumo, o agrônomo alerta para dois desafios que o produtor terá que enfrentar se quiser competir no Mercosul: reduzir o custo de produção e produzir cebolas de melhor qualidade.

CONCURSO

Durante o Encontro Estadual dos Produtores serão apresentados e discutidos os resultados de um trabalho que a Emater vem desenvolvendo nos últimos quatro anos: o "Concurso Estadual de Produtividade de Cebola". Hamerschmidt conta que, através do concurso, já se conseguiu uma produtividade de até 45 mil quilos por hectare, enquanto que a média do último concurso foi de 19 mil quilos por hectare.

que esteve bom em outubro - CR\$ 800,00 a saca de 20 quilos - e baixou para CR\$ 500,00 a saca, no início de novembro. Como para esta safra houve um aumento na área de plantio e consequentemente uma maior oferta do produto, o preço poderia cair até o fi-

Avanço no plantio da cana-de-açúcar ameniza desemprego na área rural

Vânia Casado

A expansão da área ocupada com cana-de-açúcar no Paraná, da ordem de 50% nos últimos cinco anos, está evitando o desemprego em massa dos trabalhadores volantes, dispensados das culturas do café e algodão onde as reduções de área estão se agravando. Cidades do Noroeste como Ferobal, Ivatê, Alto Piqueri, Cidade Gaúcha não registram casos de trabalho sem emprego. Pelo contrário, nestas regiões um bom cortador de cana chega a ganhar de quatro a cinco salários mínimos mensais, afirma o presidente da Alcopar, Ricardo Rezende. A Alcopar representa 27 destilarias e usinas de açúcar no Estado. Mas o salário médio pago na região para cortar cana é pouco superior a um salário mínimo.

"O produtor de cana-de-açúcar é o melhor remunerado na agricultura brasileira", entusiasma-se Rezende. Segundo ele, a rentabilidade da cultura tem um índice 10 a 20% superior à de lavouras brancas de ciclo anual (soja, milho, trigo e algodão). Além disso, a ocupação de mão de obra é maior no plantio da cana, gerando 7,3 empregos por hectare, contra 0,03 empregos gerados pela cultura da soja, comparou.

Como consequência deste cenário favorável em que está ocorrendo o aumento do plantio, passando de 176.000 hectares no ano passado para 190.000 hectares este ano, a produção de álcool deve atingir 780 milhões de litros, o equivalente ao consumo interno, devendo o Estado atingir sua autossuficiência. O faturamento bruto do setor está avaliado em US\$ 400 milhões, com arrecadação de US\$ 80 a US\$ 100 milhões, referentes à parcela de 25% de contribuição ao ICMS. O setor emprega 60 mil trabalhadores entre a produção e industrialização.

Já a produção de açúcar no Paraná é de 6 milhões de sacas, insuficientes para atender um consumo de 15 milhões de sacas, sendo necessário importar de outros estados para suprir o consumo interno. A dificuldade de financiamentos para investimentos impede a expansão das usinas de açúcar. Segundo Rezende, o Paraná já conseguiu a liberação de cotas para produzir 9 milhões de sacas, mas os projetos estão engavetados por falta de recursos. A necessidade de capital está estimada entre US\$ 100 e US\$ 150 milhões para investimentos e incremento no plantio da cana.

Este investimento, explicou, estaria preparando o Paraná para competir no Mercosul a partir de 95, já que o custo de produção aqui, da ordem de US\$ 180 a tonelada, é extremamente competitivo ao custo de produção na Argentina, que é de US\$ 360 a tonelada.

RECUPERAÇÃO DE PREÇOS

Para os técnicos da Secretaria da Agricultura, o aumento da área ocupada com cana que pode chegar a 215.000 hectares no ano que vem, apresenta uma alternativa para substituição das áreas ocupadas com café e algodão que estão apresentando rentabilidade negativa nos últimos anos. A cana-de-açúcar, apesar de ter os preços de seus derivados - açúcar e o álcool - controlados pelo governo, é um setor que está com reajustes de preços acompanhando a inflação. Além disso, a queda na produção de açúcar em Cuba, maior produtor mundial, onde as exportações despencam de 7,5 milhões de toneladas para 4,5 milhões, elevou os preços do açúcar no mercado externo, provocando reação dos preços no mercado interno.

Rezende também atribui a expansão da cana-de-açúcar à recuperação nos preços do álcool e açúcar promovida pelo governo federal. Ele informou que desde o ano passado, a política de recuperação tarifária reduziu a defasagem entre os preços pagos às usinas e os custos de produção, para 25%. Entre 1985 e 1992, quando o setor foi extremamente sacrificado pela política de preços, a defasagem chegou a 70%, quando cerca de 70 destilarias foram fechadas no país, neste período.

REFORMA DE PASTAGENS

No nordeste, porém, a cana-de-açúcar está ocupando principalmente áreas de pastagens. A entrada de dois grandes grupos na região, a usina Perobalcool, do grupo Sabaralcool, e a usina Juliana, do Grupo Meneguetti, de Maringá são responsáveis pelo aumento superior a 30% da área ocupada com a cultura da região. De 30.000 hectares ocupados por cana-de-açúcar em 92, a área plantada para o ano que vem está estimada em 41.000 hectares, além da renovação de áreas já existentes.

Para o chefe do núcleo da Secretaria da Agricultura em Umuarama, Antonio Carlos Fávoro, este crescimento está ocorrendo pela execução de uma política de arrendamento de terras, por esses grupos, cujo contrato prevê o pagamento de 40 toneladas de cana por alqueire/ano, firmando para 5 anos. Considerando o preço pago atualmente pela



Cana ocupa área de pastagens no Noroeste.

divulgação

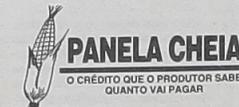
de-açúcar no Noroeste. Essa expansão, disse, pode estar ocorrendo como integrante de um processo de reforma de pastagens em áreas improdutivas, onde predomina o "mato grosso", uma gramínea comum na região que permite no máximo a engorda de uma cabeça por hectare. Neste

caso, no final do contrato de arrendamento, o proprietário recebe a área limpa, com resíduos de adubação aplicados na cultura da cana, além da área terraceada com controle de erosão, podendo colocar até 4 cabeças por hectare, posteriormente.

A MÃO DO GOVERNO NO CAMPO.



Para auxiliar o pequeno produtor rural, o Governo do Paraná, juntamente com o Banestado, criou o Programa Panela Cheia - um financiamento acessível, com juros baixos, corrigido de acordo com o preço do milho. O Programa estimulará a modernização da propriedade, o aumento da área plantada, o melhoramento dos rebanhos, a aquisição de novos equipamentos e outros incrementos. Você, homem do campo, vá agora a uma agência Banestado e participe do Programa Panela Cheia. É hora de investir no seu trabalho, cultivar seus sonhos e acreditar no dia de amanhã.



Força Rural atinge 80% dos objetivos

O maior programa de eletrificação rural em andamento no país já cumpriu quase 80% de seus objetivos. Através do Força Rural, lançado em março de 1991, a Copel comercializou até agora 38,5 mil ligações das 50 mil projetadas pelo governo Roberto Requião. Há obras de eletrificação rural em 320 dos 371 municípios paranaenses, num investimento que alcançará os US\$ 100 milhões até 1995. Metade desses recursos são providos pela Copel e a outra metade cabe aos consumidores beneficiados. A parte deles é paga parceladamente e indexada pelo preço do milho, um produto cultivado em todo o estado em pequenas e grandes propriedades.

A introdução do milho como indexador garantiu o sucesso do programa junto às comunidades rurais. Ele garante ao agricultor maior segurança para o pagamento de sua cota no custo da ligação. A Copel cobra dez por cento a título de entrada e o restante financia em até um ano. O valor de cada prestação é corrigido pela variação do custo da ligação, como num consórcio, ou pela variação do preço de comercialização do milho - o

que for menor.

O custo médio de uma ligação de 3 KVA de potência e remal de até 150 metros é de aproximadamente 80 sacas de milho, produtividade facilmente obtida em um alqueire de plantação. Esse valor pode cair para o equivalente a 25 sacas se o agricultor integrar-se ao programa "Mutirão da Energia", que requer a participação da mão-de-obra dele em projetos coordenadores pela prefeitura de seu município.

O Força Rural incorpora cinco projetos, mas dois terços das ligações cabem ao "Mutirão da Energia" e ao "Energia para todos". Os outros voltam-se para o fomento à instalação de agroindústrias, ligação de propriedades em cinturões verdes e eletrificação de pequenos povoados rurais. Também para esses é admitido o preço do milho como indexador.

O primeiro programa está possibilitando o atendimento com energia a armazéns comunitários e pequenas agroindústrias, em atuação simultânea com os objetivos do projeto Panela Cheia, do governo estadual. Para irrigação em cinturões verdes, a Copel pretende levar energia para 700 áreas selecionadas pela Secretaria da



Energia elétrica em troca de milho.

divulgação

Agricultura e Abastecimento. O programa de eletrificação de povoados rurais contempla grupos de moradores nas zonas de produção com aglomerados habitacionais formados por famílias que não se enquadram nos demais projetos.

O Força Rural deverá marcar o último grande esforço no sentido de ligar massivamente as propriedades rurais paranaenses.

Até 1995, a energia elétrica da Copel estará disponível a toda a população rural do Paraná. A eletrificação das regiões produtoras no Paraná tem história relativamente recente, pelo menos no que se refere a grandes municípios. Conforme o IBGE, em 1976 quase um tempo da população rural do estado contava com benefícios da eletricidade. Durante a década de

80, seguidos programas incorporando inovações técnicas e de projeto capazes de baratear sensivelmente o custo final dos projetos fizeram da Copel a concessionária recordista no Brasil em ligações rurais atendidas diretamente. Com isso, o IBGE, em 1976 quase um tempo da população rural do estado contava com benefícios da eletricidade. Durante a década de